

## *Introdução*

O professor Daniel Fuller escreveu uma obra importante: a *Unidade da Bíblia*. Esse professor teve uma influência muito marcante na vida e no pensamento de John Piper. No livro ele fala de dez atitudes pecaminosas que demonstram a fé fraca ou fé enfraquecida por dúvidas. Eu descobri outras falhas pecaminosas. Espero convencer o prezado leitor de que a falta de fé tem consequências fatais para a vida cristã vitoriosa. Gostaria de elaborar um pouco sobre essa erva daninha que cresce no solo de incredulidade. A erva daninha não precisa de adubo para crescer e proliferar, mas impede que as plantas úteis e benéficas produzam os alimentos que o agricultor espera e precisa. A erva daninha suga os nutrientes do solo sem devolver riquezas ou benefícios para a terra nem para o agricultor. Como os espinhos que sufocam a semente boa — na parábola de Jesus sobre os quatro solos —, as sementes boas não têm chance de se desenvolver.

Atitudes e práticas pecaminosas, muitas vezes, têm origem real na falta de fé. A fé fraca, com lacunas, favorece o crescimento de atitudes que dificilmente criam o sentimento de culpa pelos pecados; portanto, eles

raramente são confessados. Conclui-se com facilidade que eles não são marcas de rebelião e desobediência de mandamentos do Senhor que precisam ser perdoados e dos quais precisamos nos arrepender. A confissão e a renúncia dos pecados só são possíveis onde há reconhecimento. O problema maior comprova que os pecados não confessados afastam o crente de Deus, como o pecado prazeroso praticado pelo não cristão consegue mantê-lo longe do Senhor que o poderia libertar.

Davi, no salmo 19, pergunta: “Quem pode discernir os próprios erros? Absolve-me dos que desconheço!” (v. 12). Quando o Espírito Santo não chama nossa atenção para os pecados escondidos em nossa alma, endurecemos o coração. Esses deslizes muitas vezes se tornam hábitos, como a erva daninha — difícil de arrancar e eliminar do campo. Esperamos que Deus faça bom uso deste estudo para descortinar algumas práticas e atitudes que o desonram. Além disso, desejo que entendamos que, em muitos casos, a explicação para o enraizamento desses pecados, longe da consciência, reside na pobreza da nossa fé. Os pecadores (todos somos) têm dificuldade em perceber que a fonte de muitos pecados se encontra na fé anêmica ou inexistente.

O professor Donald A. Carson sabe da falta de resistência à tentação constante de depreciar o pecado, ou pior: condenar apenas os pecados que não parecem ser nossos. É fácil condenar a guerra quando vivo em paz, condenar o racismo quando não sou vítima dele ou seu provocador. Talvez me veja acima da rixa que divide as raças. Mas o pecado não é nada além de fazer o que Deus proíbe (como Adão e Eva fizeram em Gn 3) ou não fazer

o que ele manda. É a terrível declaração de independência da criatura dependente em relação ao Criador.

A ausência do exercício da fé significa não levar a sério nossa pecaminosidade, mas valorizar nossa autonomia. Agimos como se Deus não se importasse, ou não percebesse a falha, talvez achando que ele observe nossa santidade em Cristo e não note a desobediência. Provavelmente, Pedro caiu nessa cegueira em Antioquia quando, depois de demonstrar sua liberdade em Cristo, comendo com os gentios. Mas, após a vinda de alguns irmãos da parte de Tiago, “afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão” (Gl 2.12). A hipocrisia de sua ação não escapou da sensibilidade de Paulo, que confrontou o líder entre os apóstolos para convencê-lo da gravidade de sua decisão equivocada.<sup>1</sup>

Creio ter sido Agostinho quem entendeu que a raiz do pecado humano é a soberba. Ela contava com fortes razões para interpretar a inclinação para agir contra a vontade expressa por Deus em sua Palavra neste pecado capital. Encontrou uma razão adequada no orgulho do coração humano. A única explicação da queda de Satanás era o espírito arrogante. Que outro pecado um arcanjo poderia ter cometido além de exaltar a si mesmo e querer destronar o único e glorioso Deus, o Criador dos céus e da terra?

Martinho Lutero cria que a raiz do pecado — o que dá impulso a todos os outros — é a incredulidade. Não é difícil entender que, tão logo eliminemos Deus como fonte de toda a existência, o homem se torna o centro, contrariando a declaração de Paulo: “Pois dele, por ele

<sup>1</sup> *O Deus amoraçado* (São Paulo: Shedd Publicações, 2013), p. 216.

e para ele são todas as coisas”. Se a teoria da evolução conquista a mente humana, e o acaso explica a existência de tudo, abraçamos o pensamento secularizado do humanismo. Deus, caso exista, não tem importância para explicar a origem nem a finalidade de todas as coisas. O autor do livro de Hebreus escreveu: “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (Hb 11.6).

Estou convencido de que os problemas principais da vida são de natureza relacional. As relações entre marido e mulher, pais e filhos, empregados e patrões, governantes e governados não são fáceis de administrar. Um relacionamento falho provocou o primeiro homicídio. O orgulho e a fé sem convicção motivaram Caim a ferir de morte seu irmão. Os relacionamentos são prejudicados pelo pecado, todos os tipos de pecado. Pode ser útil identificar esses pecados e oferecer o antídoto para todos eles: o arrependimento e a humilhação diante do Senhor, seguidos do enchimento do Espírito Santo. Credo com firmeza que ele tem poder para transformar personalidades e manias pecaminosas, podemos esperar verdadeiros milagres na vida em harmonia com outras pessoas. A invocação de Deus para participar de nossas lutas contra a carne é a solução mais eficaz oferecida pela Bíblia.

A importância do tema na busca pela santidade se torna patente uma vez que levamos a sério Hebreus 3.12, 13: “Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo. Ao contrário, encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama ‘hoje’, de

modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado”. O perigo que este autor deseja destacar diz respeito ao sentimento de segurança, mas ainda mantendo algumas áreas de incredulidade no coração. Alguns cristãos se aproximam do precipício sem notar que a vida espiritual, de que se julgam possuidores, pode-se apagar de forma repentina.

O pai que levou o filho endemoninhado aos discípulos ficou decepcionado. Quando Jesus voltou do monte da transfiguração, esse pai se aproximou de Jesus e pediu ao Mestre: “Se podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos” (Mc 9.22*b*). A fé do pai ficou abalada com o fracasso dos discípulos. Ele duvidou que Jesus sozinho conseguisse expulsar o impiedoso demônio se os discípulos ficaram impotentes para lhe livrar o filho desse poderoso ser invisível.

A resposta de Jesus é muito sugestiva: “ ‘Se podes’, disse Jesus: ‘Tudo é possível àquele que crê’ ” (v. 23). Quero convencer os leitores neste livro de que esta palavra de Jesus vale para todos os pecados que crescem na falta de fé do praticante. Afirmo para meus amados irmãos que Deus está sempre à disposição para nos dar a vitória sobre os pecados que nos assediam caso a peçamos com fé. O apóstolo João escreveu aos santos da Ásia: “Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, ele nos ouvirá. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos sabemos que temos o que dele pedimos” (1Jo 5.14,15).

Nas estradas há sinalização quando os motoristas se aproximam de áreas perigosas em que pessoas incautas so-

freram acidentes. A sinalização deveria tornar o condutor mais cuidadoso. Este texto conta com o mesmo objetivo.

Todos nós somos propensos a cair quando tentados. Dos discípulos, Judas e Pedro foram os que caíram de modo mais vergonhoso nos momentos da prisão e condenação de Jesus. Ele lhes avisou do perigo de caírem, mas de nada adiantou. O orgulho levanta uma barreira para nos proteger a estima. Pedro ficou tão seguro em sua autoestima que, quando Jesus lhe advertiu, prestou pouca atenção. Ele considerou desnecessária a advertência de Jesus. Achou que a oração poderia ser dispensada para vencer qualquer tentação. O maior problema foi a incredulidade na palavra de Jesus. Sua queda foi horrível! Os filhos de Deus que enfrentam tentações para cometer os pecados que os derrubam com mais frequência são os que não acreditam que eles consistam, de fato, em pecados contra a fé e contra o compromisso com a Palavra.

Sabemos que Satanás foi quem persuadiu Judas a trair o Senhor Jesus (Jo 13.27), mas o amor ao dinheiro constituiu outro elemento preponderante. Ele caiu de tal forma que nunca se recuperou. Ele não contava com a fé para confiar na perfeita satisfação oferecida por Cristo nem no perdão concedido por Deus de forma gratuita a todos os que se arrependem e se abrigam nele.

Quando Paulo soube que os tessalonicenses passavam por duras provas, escreveu: “Por essa razão, não suportando mais, enviei Timóteo para saber a respeito da fé que vocês têm, a fim de que o tentador não os seduzisse, tornando inútil o nosso esforço” (1Ts 3.5). Paulo entendeu que a sedução por meio da tentação tem raiz na incredulidade. Esta é a tese que desejo desenvolver no livro.